

Ruínas viram ponto turístico

Em Anchieta, barcos atravessam os rios Salinas e Benevente com visitantes para as construções, que têm cerca de 300 anos

ALESSANDRO DE PAULA

CACHOEIRO – As ruínas do rio Salinas, um conjunto de colunas de quase três séculos, têm se transformado em um dos principais destinos de estudantes, turistas e pesquisadores que chegam a Anchieta.

Diariamente, barcos de pesca atravessam os rios Benevente e Salinas com visitantes atraídos pe-

lo mistério e pela beleza do lugar, que fica escondido em meio a milhões de metros quadrados de mangue.

A viagem até as ruínas, que tem que ser feita em um barco de pesca, é um espetáculo à parte. O mangue bem preservado e o barulho de garças, papagaios e outras aves chamam a atenção dos visitantes.

Qualquer pessoa po-

de fazer o trajeto de barco, basta agendar. O passeio dura cerca de duas horas e meia. Na praia, o visitante conhece a produção de marisco, tem uma aula sobre a biodiversidade do mangue e sobre história da região.

Neste verão, em média 10 barcos por dia subiram o rio Benevente em direção às ruínas.

Mas, segundo o secretário de Turismo, Idalgiz José Monequi, mesmo na baixa estação o movimento de visitantes é constante.

“É uma boa opção para quem quer conhecer a biodiversidade do mangue. O passeio pelas águas calmas do rio é relaxante e se transforma em uma aula prática de história e biologia para os alunos”, diz.

O passeio de

barco foi uma iniciativa da colônia de pesca, em parceria com a prefeitura e a Samarco Mineração – proprietária da área –, como incentivo ao turismo sustentável.

Não se sabe precisar quando a notícia das ruínas se espalhou. O local nunca foi segredo para os moradores da região, mas há até pouco mais de uma década a visita era proibida pela Samarco. Há pessoas que defendem que as ruínas são de uma antiga usina de extração de sal. Outras afirmam que no local havia um engenho de açúcar.

Mas a ação do tempo e de vândalos pode destruir uma parte da história. Uma coluna está cedendo e

COMO IR

O passeio até as ruínas do rio Salinas pode ser agendado pelo telefone (28) 3536-1554, ou na sede da colônia de pesca de Anchieta, na Rua Dom Pedro II, Porto de Cima. O passeio dura cerca de duas horas e meia e custa R\$ 40 por embarcação.

O visitante sai da colônia em um barco pesqueiro. É importante que cada visitante leve protetor solar, boné, água e lanche.

pode cair. Em outra, pedras foram arrancadas por visitantes, como se fossem lembranças do local. O chão foi escavado por pessoas à procura de ouro e peças arqueológicas.

A Prefeitura de Anchieta tenta o tombamento histórico das ruínas. O Conselho Estadual de Cultura já concedeu a autorização. Resta agora apenas a homologação.

Visitantes nas ruínas em Anchieta: movimento o ano todo



Passeio de barco até o monumento Mistério sobre os pilares

CACHOEIRO – O passeio até as ruínas do rio Salinas se transformou em fonte de renda extra para famílias de pescadores. Alguns barqueiros chegam a faturar R\$ 1 mil por mês durante o verão. Na baixa temporada, a procura é maior por parte de grupos de estudantes. Em média, são 200 por semana.

Desenvolvido como meio de aumentar a renda dos pescadores que vivem na região, o passeio às ruínas em algumas épocas do ano chega a representar a maior parte do faturamento desses trabalhadores.

O pescador Rildo Garcia da Costa, de 44 anos, comemora a última temporada de verão, quando cerca de 10 embarcações por dia subiram o Benevente. Mas houve dia em que só ele transportou dois ou três grupos. Cada barqueiro ganha em média R\$ 40,00 por viagem.

“Ganhei muito mais aqui do que na pesca. Neste verão, a pescaria foi ruim. Faltaram embarcações para atender ao número de visitantes”, contou.

São 17 as embarcações autorizadas a realizar o passeio. O número de passageiros é li-

mitado. São sete crianças e um professor por vez. Quanto a adultos, podem embarcar até seis.

As ruínas estão às margens do rio Salinas, afluente do rio Benevente, a 40 minutos de barco do centro de Anchieta. Da antiga arquitetura restaram apenas a base e as colunas erguidas. Algumas já foram derrubadas e outras podem tombar a qualquer momento.

A estrutura é feita com pó de concha, barro, pedras, óleo animal, provavelmente de baleia, e restos de uma edificação mais antiga.

Com os passeios, o mangue e as ruínas conseguiram novos defensores: os pescadores, que vêm na conservação do local um meio de subsistência.

O pescador José Luiz Doelinger, 46, conta que a cada passeio mais pessoas tomam o gosto pela conservação ambiental. “A primeira coisa que a gente faz é um trabalho de conscientização com as crianças. Cada uma ganha uma pinça para retirar garrafas e sacolas do rio”, disse.

A colônia de pesca tem convênio com cinco agências de turismo que trabalham com passeio de estudantes. Em média, 200 alunos chegam à colônia por semana para fazer o passeio.

CACHOEIRO – Os pilares que sobraram da edificação são um mistério até para os historiadores. Alguns defendem que o local teria abrigado uma usina jesuítica clandestina para extração de sal. Outros garantem que era um engenho de açúcar construído pelos portugueses.

Entre os que defendem a tese da “fábrica” de sal está o professor e arqueólogo Celso Perota. Ele explica que embaixo da estrutura há canaletas que escoavam a água do rio Salinas até o campo de produção.

O nome do rio, explica, é referência à alta concentração de sal nas águas, uma vez que há registros históricos de que em sua cabeceira existia uma mina de salgema (de onde seria extraído o sal). Perota ressalta que há carência de registros sobre a produção de sal na região porque essa era proibida pela coroa portuguesa no período colonial.

Outro grupo de pesquisadores afirma que no imóvel funcionava um engenho de açúcar. “A documentação histórica que temos se refere à produção de açúcar”, diz o historiador e secretário de Cultura de Anchieta, José Amaral Fernandes Filho.

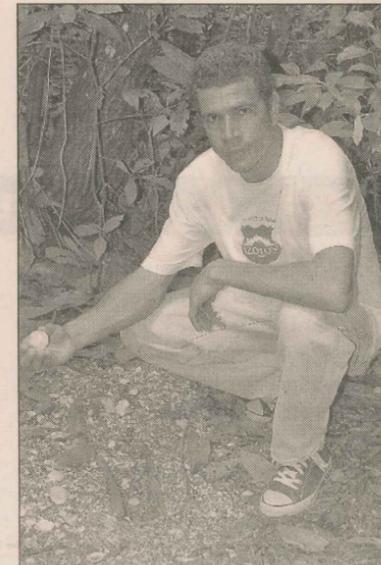
Para ele, não haveria necessidade de a “fábrica” de sal ser clandestina, já que os jesuítas eram os únicos autorizados nesse tra-

balho. Comenta ainda sobre a semelhança das características arquitetônicas das ruínas com os engenhos de cana-de-açúcar da Bahia, de São Paulo e de Pernambuco.

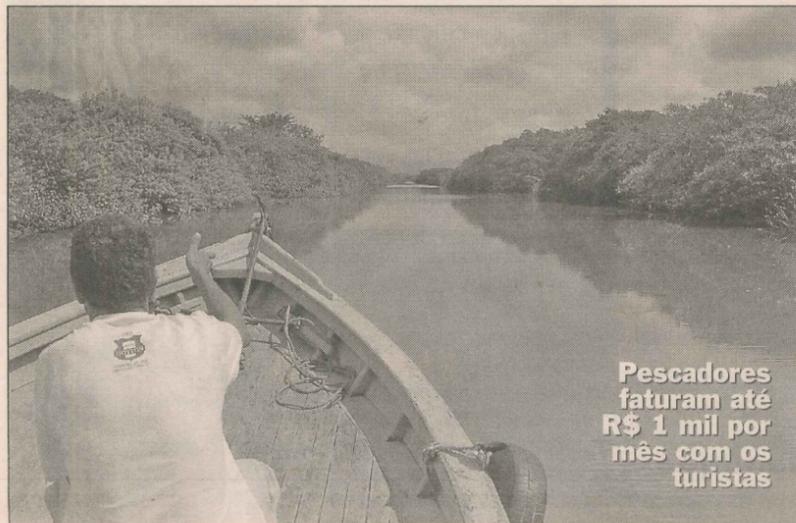
Em meio aos manguezais estão sítios arqueológicos inexplorados. É possível encontrar ossadas e ferramentas indígenas.

Já foram encontrados quatro sítios arqueológicos, com artefatos com cerca de mil anos, como fogareiro, facas e martelos, todos em pedra lascada ou polida.

FOTOS: PEDRO JUNIOR



José Amaral: usina de açúcar



Pescadores faturam até R\$ 1 mil por mês com os turistas